PARÁBOLA DO SANTUÁRIO

Já estou vendo o Santuário! Vou rezar na casa da Mãe. Vou pisar esse chão bendito, rodeado desse tanto de tijolos e coberto desse tanto de telhas e cimento, por cúpulas tão branquinhas que de longe parecem nuvens! Nem tenho coragem de entrar. Só fico pensando, assim como Jesus, que criava parábolas depois de pensar e repensar sobre sua gente e suas coisas: No silêncio de um deserto, na beira de um rio Jordão ou de um lago cheio de peixes, diante das covas de bicho ou do Templo magnífico, no campo onde as flores falavam de Salomão e os cordeiros falavam de Deus, onde o trigo ainda balançava junto do joio, nas estradas por onde passavam ladrões e nas praças onde as prostitutas eram jogadas aos pés dos fariseus, nas portas das cidades, onde crianças brincavam de morrer e jovens dançavam para os anciãos. No meio de tudo que era deles, Jesus criava parábolas.

E eu aqui diante desse Santuário, tenho vontade de fazer o mesmo. Pois então... olhem só para essas paredes, levantadas a custo de cada tijolo colocado depois de acariciado pelas mãos rudes dos oleiros e pedreiros, colocado e não amontoado, colocado com a inteligência de quem sabe edificar pedra sobre pedra.

E logo aqui já comecei a pensar na exigência de Deus em criar o meu mundo com parte da minha inteligência. E penso também na graça que a história deste templo tanto canta, a graça que vem de Deus, mas que espera a minha participação.

Na soleira do Santuário a parábola cresce dentro de mim: Olhem as grandes janelas nas imensas paredes; parecem que não foram feitas para deixar passar o vento, mas somente a luz filtrada do sol da graça; numa disposição de rede, os cacos de vidros coloridos brincam de arco-íris na íris da gente. Leveza da graça, bondade da graça que parece esvoaçar por todo canto!

Olhem ali as velas queimando; milhares de velas! É gente que não quis ir embora, e preferiu ficar queimando aqui dentro.

Olhem aqui esta porta enorme... aquele pátio lá fora, imenso, com todo um mar de automóveis e ônibus, de todos os cantos de nosso Brasil. É gente demais! É gente todo o dia! É gente de todo o jeito, com todas as dores do mundo e da alma, com todos os desejos de cura, de graça e bênção.

Mas olhem bem... como eles vêm felizes e alegres ; vêm até correndo para disputar um lugar aqui dentro. E passam por nós cantando e rezando, de cabeça erguida, sem nem mesmo olhar os degraus que são tantos, sem nem tropeçar.

Vamos entrar com eles. Aquele ali já cai de joelhos e de joelhos mesmo caminha. É promessa.

Repare aquele outro, de cabeça baixa; bate no peito; antes de chegar lá na frente está pensando, talvez, se tem direito. Aquela senhora chora. São muitos os que choram! O senhor que faz gesto com a mão mostrando alguma coisa lá na frente deve ser o pai da criança. A moça ajeita o vestido para ver se está de acordo. O rapaz, seu namorado, não sabe se olha para ela, ou na direção onde olham todos. Vejam para onde olham todos!

Mas aqui vamos deixar o tom de parábola, porque... não dá mais. Quase não dá para acreditar! Depois de ver esse templo enorme e fantástico, e toda essa gente emocionada, o que eu vejo é um pequeno nicho, muito simples, com uma imagem de pouco mais de um palmo, negra... de senhora, com seu véu azul e coroa de ouro. E é para ela que todos olham! É para ela que todas as bocas balbuciam preces, todos cantam, sorriem, choram, e pedem graças e curas.

Senhora Aparecida, eu cheguei aqui empurrado por essa multidão e por minha fé. Mal consigo dizer minha prece; e vou ser breve para não chorar também. Rezo por mim... pela minha família... pela minha gente, da roça e da cidade, pela minha saúde e pela minha religião, pelo meu povo e pelo meu Brasil. Senhora Aparecida, fortifique a minha fé...

E dê-me sua bênção de mãe. Amém!

 Pe. Ronoaldo Pelaquin